

Elas fazem arte no Centro do Câncer

Grupo de Artesanato proporciona novas experiências a pacientes em tratamento contra a doença

Divulgação

Enfeites, pesos para porta, lembrancinhas, porta-guardanapos e pintura em guardanapo. Cada peça é produzida, entre risos e conversas, por pacientes em tratamento contra o câncer no Cecn (Centro do Câncer da Santa Casa de Piracicaba).

Elas integram o Grupo de Artesanato e, à exceção de julho e dezembro, se reúnem mensalmente na área de lazer do Hospital, criando ambiente e atividades diferenciadas daquelas habitualmente encontradas na unidade de tratamento. Novo encontro está marcado para esta quarta-feira, a partir das 13h30.

A ação é coordenada pela psicóloga Pedrilha Goes, empenhada em proporcionar experiências que estimulem a socialização entre os pacientes para que eles possam ter a opção de compartilhar suas histórias, sejam elas de dúvida, medo, fé ou superação.

Segundo Pedrilha, as atividades consolidam laços que fortalecem as relações e também a



Artesanato

Mulheres compartilham histórias, emoções e criatividade

determinação de lutar contra a doença. “São momentos leves e descontraídos, mas que concentram o poder extraordinário de ‘tocar’ o paciente, fazendo com que ele sinta que não está só; e que outras pessoas também enfrentam situações semelhantes à sua”, disse a psicóloga. Ela garante que ‘alimentar’ essa certeza traz ampa-

ro e encorajamento, fazendo crescer a esperança. “E isso muda tudo”, afirma.

Para viabilizar a proposta, além do lanchinho especial servido ao final dos encontros, o Cecn oferece também todo o material utilizado pelo Grupo, a exemplo das tintas, tecidos, pincéis e guardanapos. “O investimento permite que im-

plantemos essas ações como complemento ao tratamento médico convencional, feito por meio da radioterapia e da quimioterapia”, disse Pedrilha, lembrando que as atividades ajudam a redirecionar o foco, tirando a atenção da doença.

Opinião semelhante tem a expaciente Arlete de Fátima Braga. Ela teve câncer de intestino em 2011 e, hoje, é voluntária como coordenadora de Artes junto ao Grupo. “Passei pelo câncer e hoje faço acompanhamento anual de rotina para controle da doença”, conta.

Com a propriedade que só conhecimento de causa pode proporcionar, Arlete afirma que utilizar ferramentas como o artesanato para ampliar o suporte psicológico é fundamental durante o processo de enfrentamento e tratamento da doença. “Estou no Grupo para levar apoio, mas sempre sou eu a maior beneficiada nessa troca de sentimentos e experiências que conduzem nossas percepções para o que realmente importa: a vida”, disse.